

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

**PRODUZINDO DOCUMENTÁRIO NA ESCOLA:
UMA POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

Ana Déa Reis Neto

Belo Horizonte
2015

Ana Déa Reis Neto

**PRODUZINDO DOCUMENTÁRIO NA ESCOLA:
UMA POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Ana Lúcia Faria Azevedo

Belo Horizonte
2015

Ana Déa Reis Neto

**PRODUZINDO DOCUMENTÁRIO NA ESCOLA:
UMA POSSIBILIDADE DE UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Ana Lúcia Faria Azevedo

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Faria Azevedo – Faculdade de Educação da UFMG

Marília Souza Dias - Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

À Deus, fonte de força, fé e sabedoria.

À minha mãe, Ana Reis pelo exemplo de força, fé e coragem.

Aos meus filhos Bruno e Taís, pelo incentivo e auxílio nos momentos cruciais.

À querida Mestra e orientadora Ana Lúcia Faria Azevedo pelo apoio e incentivo durante todo esse percurso.

Ao ex-diretor Renato Alves e sua vice Lidiane Nadú, pelo apoio essencial para que esse trabalho acontecesse.

Cristiano Gontijo, por sua colaboração ímpar e parceria total em todos os trabalhos. Seu companheirismo e abnegação tornam a biblioteca um lugar ainda mais mágico do que já é, tanto para mim quanto para as crianças que a frequentam.

À Elizanja Índio Martins, por nos ajudar na utilização das câmeras e por sua alegria contagiante que por dez anos iluminou nossos dias.

À toda a comunidade escolar pela participação e disponibilidade efetiva em todos os momentos, colegas, amigos, especialmente à Maria Dolores campos, companheira inseparável desses trinta anos de serviço e cumplicidade.

À todos aqueles, aposentados ou não, que se dispuseram a deslocarem-se e nos prestar seus depoimentos enriquecendo muitíssimo nosso trabalho.

À professora Marly da Consolação, que assumiu a turma e sempre mostrou disposição para ajudar em tudo, seu sorriso, samba no pé e disciplina enriquecem nossos dias há muitos anos. Foi imprescindível sua colaboração.

E, finalmente, à professora Espedita Sebastiana Carvalho, que nos deu de presente, generosamente, a ideia da produção do documentário.

À todos que colaboraram com nosso projeto nossos mais sinceros agradecimentos.

Quando percebemos o reflexo de quem somos, vemos também um pouco de cada pessoa que segue ao nosso lado, pois ninguém cresce sozinho, e tudo é parte de um aprendizado, único e exclusivo, que descobrimos ao longo da vida. E a maior parte deste aprendizado acontece ao lado de pessoas especiais e inesquecíveis.

Bruno Borges

RESUMO

A produção de um documentário na Escola Municipal Sebastião Guilherme de Oliveira, durante o ano de 2014, partiu do desconhecimento dos alunos, da história da luta pela sua construção. A partir do trabalho realizado por uma professora, tivemos a ideia de usar o interesse das crianças pelas novas tecnologias e gravamos os depoimentos das pessoas que ainda atuam na comunidade e daqueles que fizeram e fazem parte da nossa história. Estive vinte e três anos em sala de aula e hoje atuo na biblioteca da escola estando em readaptação funcional. Realizo trabalhos em que a literatura e a arte se integram e se potencializam, por isso o interesse no projeto, além do fato de completar 30 anos na mesma escola.. Usamos recursos disponíveis na própria escola: uma câmera VHS antiga, câmeras digitais, computador e caixa de som, uma TV 29', retroprojetor junto a um data-show, um tripé e celulares. Formamos um grupo, inicialmente, com 12 crianças da referida professora, que se interessaram em participar do projeto. Em seguida, começamos o que chamei de "Oficinas do olhar".

Tendo como referência o livro de Adriana Fresquet, "Cinema e Educação". Inspiramo-nos nas oficinas de Cezar Migliorin, no livro: "Inventar com a diferença-Cinema e Direitos Humanos". Os livros "A Escola Vai ao Cinema" de Teixeira e Lopes, "Cinema e Educação" de Rosália Duarte e também textos de Mamede-Duarte, Le Goff, Guerra e Paraiso nos motivaram a investir neste trabalho.

Vimos filmes de diversos formatos: "O balão vermelho" (França-1956), "Galinha ao molho pardo" (Brasil-2007), "Marvada Carne" (Brasil-1985), "Pipiripau, o mundo de Raimundo" (Brasil-2014) e "Dona Cristina perdeu a memória" (Brasil-2009). Analisamos luz e sombras nas imagens, cores, ângulos, perspectivas, reflexos, curvas e linhas. Gravamos entrevistas e tomadas da escola e, por não ter nenhuma intimidade com tecnologia, pagamos a edição para conseguirmos finalizar para a festa.

Palavras-chave:

Documentário - Escola – Novas tecnologias

LISTA DAS FOTOS ILUSTRATIVAS

| | |
|---|-----------|
| 1. Oficina da memória | 14 |
| 2. Oficina de abertura dos empréstimos 2014 | 23 |
| 3. Aprendendo a usar os equipamentos | 25 |
| 4. Café Passado Presente | 32 |
| 5. Entrevista com o senhor Geraldo Ferreira Gomes | 34 |
| 6. Sala das crianças da equipe de “Cinema na escola” | 35 |
| 7. Filmando com a VHS | 36 |
| 8. Entrevista com a professora Rosemary Rodrigues | 37 |
| 9. Créditos | 40 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 09 |
| Capítulo 1 – Cinema e escola | 10 |
| 1.1. A utilização dos novos recursos tecnológicos na escola | 14 |
| 1.2. Por que produzir registros? | 19 |
| Capítulo 2 – Experiências do olhar | 23 |
| 2.1. “Flicts” uma experiência sensorial | 23 |
| 2.2. O grupo de cinema | 24 |
| 2.3. Oficinas para educar o olhar | 25 |
| 2.4. “Pipiripau – o mundo de Raimundo” | 27 |
| Capítulo 3 – Produzindo cinema na escola | 29 |
| 3.1. Primeiras experiências com a filmadora | 29 |
| 3.2. Construindo um projeto | 29 |
| 3.3. Café passado presente | 32 |
| 3.4. Filmando a sala da equipe de cinema | 35 |
| 3.5. Brincando de filmar | 36 |
| 3.6. A experiência lúdica do cinema na escola | 37 |
| 3.7. Desafios | 38 |
| 3.8. Filmagem dos créditos finais | 40 |
| 3.9. A aventura da edição | 41 |
| Considerações finais | 43 |
| Referências Bibliográficas | 45 |
| Filmografia | 46 |
| Sites | 47 |
| Anexos | 48 |

INTRODUÇÃO

O projeto de intervenção pedagógica através do cinema, na Escola Municipal Sebastião Guilherme de Oliveira, no ano de 2014, foi a produção de um documentário com as crianças, introduzindo-as na linguagem cinematográfica e na utilização das novas tecnologias. Criamos um registro de nossa história e da luta da comunidade pela construção da escola. O desconhecimento dessa história por parte dos alunos e muitos dos funcionários foram motivos que me levaram a empreender esse projeto. A luta da comunidade durou mais de oito anos e quando me mudei para o bairro, conheci a área escolhida, o único espaço existente: um campo de futebol. A ocupação desse espaço gerou insatisfação por parte de alguns membros da comunidade, tornando a escola alvo de depredações nos primeiros anos. Com o passar do tempo, a comunidade foi se tornando mais receptiva e diminuindo gradualmente a resistência, após muitas festas, eventos, empréstimos do espaço da escola, etc. Hoje ela é vista com carinho pela comunidade. Não há pichações ou roubos, embora o bairro seja muito atingido pelo tráfico, o que leva ao assassinato de muitos jovens. As pessoas que lutaram pela sua construção continuam ativas e atuantes na comunidade. O projeto foi realizado com um grupo de doze crianças. Foram utilizados celulares, caixa de som, data-show, computadores e variadas câmeras, além de retroprojetor e pequenos lasers de lojas de importados (emprestados e usados apenas na primeira oficina).

Essa primeira oficina, usada como sensibilização, já estava sendo realizada com todas as turmas de primeiro, segundo ciclo e floração (adolescentes) para a abertura dos empréstimos da biblioteca onde atuo. Trabalhando na escola desde seu primeiro ano de funcionamento, entrei em readaptação funcional em 2009 e realizo projetos em parceria com os professores. Como uma professora já havia realizado o trabalho memorialístico no ano anterior, a turma dela teve, além da oficina de sensibilização com o livro “Flicts” do Ziraldo, uma introdução à história do cinema e questionários sobre interesse por imagens e em participar da produção do documentário. Doze alunos, de 11 e 12 anos, se candidataram, manifestando interesse em participar dessa produção. Iniciamos com oficinas com exibição de filmes e análise de imagens, para “educar o olhar” além de oficinas de produção de imagens. Posteriormente, houve gravações de entrevistas e de imagens da escola.

CAPÍTULO 1

CINEMA E ESCOLA

O homem sempre buscou se eternizar de alguma forma através do tempo. Desde as pinturas nas paredes das cavernas, os quadros, a fotografia e os livros. A necessidade de se comunicar e de ser lembrado para a posteridade é incessante, na ânsia humana de ser imortal. Desde a invenção da fotografia, em diversos países mundo afora, inventores buscavam brincar com as imagens e fazê-las se movimentar. Inicialmente, esses inventos eram vendidos como brinquedos infantis, os quais foram se aprimorando pela curiosidade de Thomas Edson, Kirschner, Stampfer, Harner, Sellers, Reynard, Marey, Greene, Dickson, Muybridge, Latham, Daguerre e, finalmente Louis e Auguste Lumière. Assim, no dia 28 de dezembro de 1895, no porão do Boulevard dês Capucines, em Paris, foi realizada a primeira projeção de filmes pelos irmãos Lumière. Essa consistia de um filme de um minuto de uma locomotiva chegando na estação em direção ao público o que causou estardalhaço e muitos gritos. Em pouco tempo lotavam-se todas as sessões e o cinematógrafo era sucesso absoluto de público, vindo pessoas de outros países para vê-lo em ação. Uma caixa de madeira que gravava e projetava filmes de um minuto de duração. A película aperfeiçoada pelos irmãos Lumière e seu cinematógrafo foram o início do que viria a ser a revolução da imagem no século XX. A primeira utilização desta incrível máquina de sonhos que é o cinema foi através do documentário. Os irmãos Lumière enviaram pessoas pelo mundo todo para filmar e projetar as maravilhas de outros países além de levar suas imagens, já realizadas e difundirem sua invenção. Assim, o público tomava conhecimento de outros mundos, outras culturas, outros modos de viver¹.

E foi desse modo que o cinema chegou ao Brasil e por todo o mundo, em forma documental. Com o passar do tempo, pessoas que tomaram contato com a máquina e se encantaram, trouxeram-na para o Brasil. Várias pessoas, principalmente fotógrafos, teriam se apaixonado pelo instrumento e começaram a fazer registros de nossas comemorações, paisagens e, posteriormente, pequenos filmes no Rio de

1 Ver DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Janeiro e na Bahia. Aos poucos foram se tornando populares e se expandindo e, através de cineclubes e da revista francesa “*Cahiers de cinema*”, formou-se uma cultura cinematográfica, ampliando-se em polos de produção de filmes. Apesar dos grandes problemas de produção e distribuição no país, muitos filmes foram realizados, premiados e reconhecidos pelo cinema mundial. Filmes esses praticamente desconhecidos do público brasileiro, assim como o fato de Glauber Rocha ser reconhecido internacionalmente como um dos melhores cineastas do século XX e ser desconhecido pelo público brasileiro em geral.

Em Minas, Humberto Mauro (1897-1983) foi um dos grandes expoentes, pioneiro da nossa cinematografia. Documentários educativos foram produzidos para o INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo – Criado na era Vargas). Entre o trabalho no INCE e a produção valiosa de filmes em Cataguases (Ciclo de Cataguases), foram 12 longas-metragens e 357 filmes curtos educativos. Reconhecido como a expressão pura da brasilidade, e da mineiridade, ele é considerado um pilar da cinematografia brasileira.(disponível em www.mnemocine.com.br).

Vivemos num contexto de dominação cultural através da imagem pela indústria americana, a qual impõe seus valores com uma força avassaladora, deixando a produção local, em geral, sem força e sem mercado. Essa indústria midiática desculturaliza as sociedades pela imposição de seus produtos imagéticos e seu poderio econômico. É a força do capitalismo e da lei de mercado em detrimento do empobrecimento e espoliação dos povos. Podemos dizer que educar o olhar pode ser o primeiro passo para criar um cidadão crítico e atuante na sociedade. No documentário “Criança, a alma do negócio”(2008- direção Estela Renner), podemos facilmente perceber o quanto uma sociedade mal preparada para o consumo excessivo das imagens, como acontece no Brasil, está sujeita aos interesses inescrupulosos que comandam toda esta indústria de entretenimento. A educação tem o dever de ajudar a enxergar e discutir esta dominação, além de introduzir e ajudar o aluno nessa linguagem que é hoje a base de nossa sociedade. É essencial questioná-la e também possibilitar seu uso de forma criativa e enriquecedora, pois hoje os meios de comunicação estão disponíveis a todos. Como bem diz Rosália Duarte em seu livro *Educação e Cinema*:

“Nas sociedades mais ricas e desenvolvidas do mundo contemporâneo, bens culturais audiovisuais, incluindo os cinematográficos, são considerados recursos estratégicos para a construção e a preservação de identidades nacionais e culturais. Tanto é que esse tema ocupa lugar privilegiado na agenda de negociações e acordos internacionais da Organização Mundial de Comércio, que envolve as maiores nações do mundo. Esse fato deveria ser suficiente para que nós educadores encarássemos a questão com a seriedade que ela merece.” (2009.p.18)

Para a autora, é uma questão inegável o fato de que o cinema está na escola apenas como complemento das aulas de história, ilustrando ou entretendo, enquanto na realidade ele permeia, radicalmente, a vida de todas as pessoas. Nossas crianças estão expostas de maneira absurda a produtos comerciais de todos os tipos e para os quais elas não estão preparadas para enfrentar os possíveis impactos em suas mentes imaturas e consequências. Elas veem filmes diariamente e em grande quantidade, e nós não estamos preparados para discuti-los. Como diz Duarte (2009), “ninguém começa lendo Dom Casmurro”, tudo é um aprendizado e quem nele se aventura, se delicia. Quando vamos ensinar nossas crianças a experienciar o belo e diferenciar o que vale e o que não vale a pena ser visto? Aquilo que acrescenta, que estimula o crescimento e nos possibilita a aventura e o gozo, a fruição? Como podemos nós mesmos fazermos essa aprendizagem? Ainda segundo Duarte, uma boa maneira de começar seria “buscando referências do que é um bom filme, qual sua relação com a sociedade em que foi produzida, seu diretor, contexto e debates acerca do referido filme. Ver filmes de outros países, conhecer outras linguagens e sociedades é um bom início para quem se propõe a compreender esta questão” (2009.p.76).

O professor é um eterno aprendiz, todos nós somos. O ser humano nasce a partir da curiosidade que o impulsiona, e é isso que nos torna diferentes dos outros seres. Aprender a aprender é o pilar para o novo milênio, onde o conhecimento se modifica a todo instante. Este é o desafio da educação: propiciar às crianças as ferramentas para adquirir essa capacidade de buscar e aprender sempre.

O cinema é a arte da luz e ele pode nos iluminar em questões antes sequer pensadas. Como bem reflete Teixeira e Lopes (2014) "A escola vai ao cinema",

“Parte da criação artística, o cinema, é bom lembrá-lo, é ainda uma arte da memória, da memória individual, coletiva, histórica. Ele ritualiza em imagens visuais e sonoras, os eventos e locais que o espectador fiel deve recordar ao debruçar-se sobre o passado, o presente e o futuro de sua vida. O cinema participa da história não só como técnica, mas também como arte e ideologia. Ele cria ficção e realidades históricas e produz memória. É ele um registro que implica mais que uma maneira de filmar, por ser uma maneira de reconstruir, de recriar a vida, podendo dela extrair-se tudo que se quiser. E por ser assim, tal como a literatura, a pintura e a música, o cinema deve ser um meio de explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a realidade, em vez de obscurecê-la ou de a ela nos submetermos.” (Teixeira e Lopes 2014. p.10)

Através dos filmes podemos ver por outros “ângulos”, outras “perspectivas”, outros “matizes”, enfim, mudar nosso olhar e ver as coisas de outra forma. Isso o cinema pode nos proporcionar. O cinema enquanto arte já consagrada e reconhecida pode proporcionar fruição e conhecimento para além do entretenimento. Cabe a cada um de nós pensarmos e encontrarmos formas, dentro de nossas possibilidades específicas, para criarmos oportunidades de experimentação, articulação e desenvolvimento de nossas crianças em sua relação com a revolução tecnológica. A magia que nos encanta e seduz, que nos leva para dentro da tela e nos faz sonhar, foi pensada, escrita e tratada em seus mínimos detalhes. Livros, roteiros, cenografia, figurinos etc., podem se transformar em inspiração para trabalhos pedagógicos incríveis. Se pudermos nos apropriar disso, nossas aulas sairão enriquecidas e mais efetivas, pois falarão de algo que é apaixonante para as crianças.

O documentário é uma forma de reflexão sobre a memória, inspirada por Mauro e Eduardo Coutinho (falecido no momento em que iniciávamos nosso trabalho em 2014), tentamos fazer nossas entrevistas e imagens como homenagem àqueles que também não têm voz e que possuem uma trajetória que nos interessa particularmente. Lembro-me de uma entrevista de Coutinho na qual ele dizia que as pessoas odeiam documentários, porque a TV só os mostra como reportagens. Então eles são vistos como entediantes e essa não é a verdade. Qualquer filme pode ser

ruim ou maçante. A diferença está na criatividade. Se os documentários são tidos como verdade e a ficção entretenimento, não faz diferença, qualquer um dos dois pode levar à refletir e usar de subjetividade. Creio que seus filmes demonstram isso. A maneira como ele lida com os entrevistados não é algo estático. Há cuidado, respeito e lirismo, há subjetividade para lidar com todos aqueles que estão de alguma forma à margem da sociedade. É claro que nossa brincadeira de cinema não se equipara aos feitos desses cineastas, contudo os mesmos me são caros e me sensibilizam a buscar algo de bom em filmar pessoas e espaços.

1.1 A UTILIZAÇÃO DOS NOVOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NA ESCOLA



Foto 1 - Oficina de memória

Os jovens do século XXI já nasceram em contato com as máquinas. Desde a mais tenra idade já manipulam celulares, assistem televisão e veem vídeos na internet. Sua visão de mundo já nasce desafiando todos os signos da comunicação que ainda nos causam estranhamento, nascidos na linearidade dos conceitos de livros e enciclopédias de gerações que nos antecederam. Alienígenas, nesse mundo virtual, tateamos em busca de conexões e significados para que possamos dialogar com

essas novas crianças e transmitir-lhes nossas experiências.

²Mamede e Duarte (2006) acreditam que a utilização da tecnologia na escola é importante e que a sociedade, como consequência as crianças e os jovens, estão imersos de maneira inequívoca nesse novo paradigma sendo necessário tentar viabilizar uma mediação que torne possível uma ponte que possibilite a aprendizagem. A tecnologia estabelece novos padrões de informação, de comunicação e uma gigantesca variedade de interações com o mundo.

[...] esses jovens elegem a internet como o espaço privilegiado de construção de conhecimentos, de possibilidades de encontro, de comunicação e de lazer, pelas múltiplas possibilidades que ele oferece ao articular imagem e texto, de forma indissociável. {...} 2006 – s.p.

Fascinados pela internet e por todos os recursos que ela oferece - além do fácil acesso via celular de todas essas possibilidades - criou-se uma geração que não se enquadra mais nos estereótipos de alunos que possuímos até hoje. Isso coloca um abismo entre professor e aluno que se torna intransponível se não conseguirmos acessá-los em sua própria linguagem, hoje multifacetada pelo hipertexto. Como explicita Mamede-Duarte (2006) nesse mesmo texto, em outro trecho:

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor embaralhar, entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas de suporte assim como nas maneiras de ler. Em face disso, acreditamos que a escola precisa se deslocar das concepções de ensino/aprendizagem, nas quais o livro e ela própria se configuram como únicas possibilidades de aquisição de conhecimento e de culturas (tomada apenas como erudição), em direção a outras concepções, em que conhecimento, cultura e comunicação se aproximam, na medida em que são pensados a partir de novos parâmetros teórico/conceituais. (2006 s.p.).

2 Ver MAMEDE – DUARTE. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e escola. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0729104>.

A criança e o adolescente possuem uma nova maneira de ler o mundo, mediada pela imagem. A maneira como lidam com os textos fragmentários e interligados pela internet nos colocam novas possibilidades antes inconcebíveis. Tais estruturas textuais poderiam ser apropriadas pela escola, para que possamos instaurar um novo olhar sobre a aprendizagem.

Explorar novas ferramentas para a utilização de forma criativa e produtiva por toda a sociedade é um desafio a educação atual. Há um bombardeio de informações e não há uma elaboração ou uma educação voltada ao estudo dos conteúdos em questão para que eles sejam ressignificados. O que é veiculado pela internet precisa ser discutido para que se possa favorecer as possibilidades de aprendizagem. Buscar uma educação do olhar, formas de discussão e produção de imagens e textos com possibilidades de distribuição e trocas para todos seria desejável e possível. Segundo as autoras, se existem tantas possibilidades, essas não podem e nem devem ficar restritas ao Youtube ou redes sociais, mas é necessário favorecer colaborações reais que possibilitem o debate entre os jovens de seu papel social, político e humano. A aprendizagem se potencializa ao introduzirmos as novas relações que também nos aproximam mais de uma realidade em incessante mutação e a qual a escola parece ignorar. Por isso, a sensibilização e a discussão desses temas e o uso de tecnologias poderão trazer ao currículo uma maior dinâmica estabelecadora de novas relações em sala de aula. As crianças e adolescentes são massacrados pela mídia e estão viciados em tecnologia sem ninguém para lhes apontar novos caminhos. A melhor coisa a fazer é tirar proveito dessa paixão e a utilizarmos para despertar o interesse por outras estéticas e pelo conteúdo das disciplinas. Cada indivíduo é único e a rede de conexões criada por ele depende das suas experiências e “*links*” pessoais. Esses se processam através da afetividade e sociabilidade de cada um.

Para Mamede-Duarte (2006), “os jovens fazem as conexões mais fora da escola do que dentro dela o que favoreceria a formação de redes colaborativas entre professores e alunos em plataformas de trabalho digitais como blogs ou fóruns virtuais”. Talvez seja esse um ponto que poderia diminuir o desinteresse pelas aulas e a minimizar o desapontamento dos professores pelo trabalho exaustivamente realizado sem o resultado esperado. Sabemos o quanto temos que avançar em

termos de investimento e parcerias, porém precisamos começar com o que temos dentro das escolas e nas mãos dos alunos. Glauber Rocha dizia que tudo que precisamos é uma ideia na cabeça e uma câmera na mão. Todos os jovens hoje tem uma câmera na mão; falta-lhes nossa ajuda e trabalho mútuo para fazer brotar a criatividade latente em todos os seres humanos. Caso contrário, irão passar a vida toda tirando fotos narcisistas para colocar nas redes sociais. Quanto potencial será perdido se não os ajudarmos a educar o olhar e os sensibilizarmos para outras estéticas além da lógica capitalista do consumo que gera infelicidade, doença e violência.

Nas ³Proposições Curriculares elaboradas pela Secretaria Municipal de Belo Horizonte para o ensino de Arte, afirma-se a “necessidade de ampliarmos, em nossos educandos, o âmbito e a qualidade da experiência estética”. (Lanier-2002-apud). Nesse documento, publicado pela Prefeitura, destaca-se a importância de desenvolvermos e experimentarmos com nossas crianças múltiplas expressões artísticas.

“O campo das Artes Visuais refere-se aos trabalhos com processos, materiais e suportes plásticos, como tinta, grafite, carvão, madeira, metal, papel, fibras, pedra, argila, tecido etc., aos trabalhos com processos de registro de luz e movimento, como cinema, vídeo e fotografia, por exemplo”.
(2010.p.7)

Expor nossas crianças à experimentação de variados materiais em variados campos artísticos, além da visitação ou estudo *in loco*, de exposições e lugares, é extremamente importante e é imprescindível o papel da escola para construção do conhecimento e de habilidades. Transmitir o conhecimento acumulado há gerações não é tão importante quanto despertar nas crianças o desejo de conhecer e experimentar. É urgente começarmos a pensar a educação para o mundo da imagem sob pena de não conseguirmos mais compreendermos o mundo em que vivemos além de perdemos a conexão com nossas crianças. Provavelmente, é isso que vem acontecendo e ainda não nos conscientizamos. Dizemos que eles não querem estudar, que não fazem as tarefas, que não se importam com as aulas.

3 Ver BELO HORIZONTE, Prefeitura de. Desafios da Formação: Proposições Curriculares – Ensino Fundamental – Artes. Belo Horizonte, 2010.

Todavia nossas aulas continuam sendo, com honrosas exceções, como nos séculos anteriores, e queremos atingir crianças do novo milênio. Há, claramente, um abismo entre o que queremos e o que eles querem. Se a educação é para transformar e possibilitar a criança se inserir na sociedade a qual pertence, precisamos nos integrar melhor nesse mundo de imagens para podermos fazer a ponte entre os nossos saberes e os deles.

⁴Adriana Fresquet (2013), nos fala dos novos desafios e diz, ainda, que a emoção é fundamental no processo

“... aposto fortemente na potência da emoção envolvida no aprendizado. Isto não significa uma proposta disciplinar para a afetividade. Ela faz falta contaminando os conteúdos, contagiando as relações e fundamentalmente o desejo de aprender, para reunir às cabeças – alvos de toda educação movida pela força das correntes cognitivistas -, os corpos esquecidos e acéfalos, jogados por séculos, para fora dos mundos da escola. Ao mesmo tempo, é importante criar espaços de reflexão diante daquilo que nos emociona: às vezes, uma publicidade nos emociona. Poder discernir gestos de manipulação de nossas emoções poderia ser um grande objetivo escolar a partir da onipresente força das imagens que assistimos hoje na TV, no computador, nos tablets, no celular, na rua, nos elevadores, nos ônibus, etc., visando, na maioria das vezes, a um determinado tipo de comportamento dos espectadores, potenciais consumidores.” (2013- p.36)

O afeto e a emoção são essenciais para a aprendizagem. Aquilo que nos emociona e nos toca precisa ser refletido quando se trata de imagem. Lembro-me de uma propaganda de um copo gelado cheio de gotículas, onde caía um líquido âmbar. A câmera subia devagar mostrando o líquido sendo derramado e mostrava uma embalagem de líquido de freio. A seguir ouvia-se a frase “Imagem não é nada, sede é tudo...”. Sabemos o quanto a força da imagem é forte e quanto a publicidade consegue manipulá-la, daí a grande inspiração de tal propaganda. As imagens são veiculadas a todo instante pelos meios de comunicação e todos nós a ela estamos expostos incessantemente. Ajudar aos educandos a descobrir o poder dos informes

4 FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes da Educação Básica – dentro e fora da escola – Coleção Alteridade e criação. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2013.

comerciais, com uma visão mais crítica, é uma forma de ajudá-los a enfrentar o que vem pela frente e reinventar a própria vida.

Tentar fazer com que os alunos “desaprendam” um pouco o olhar viciado pela mídia consumista e espetacularizadora, formatadora de padrões de imagem e comportamento, é orientá-los a aprender a olhar criativamente, capacitando-os a produzir suas próprias imagens. São essas as ações que experimentamos fazer com as oficinas do olhar inspiradas nas aulas da professora Adriana Fresquet e no livro ⁵“Inventar com a diferença – cinema e direitos humanos” do professor Cezar Migliorin, (et. al- 2014). As oficinas realizadas com exibição de filmes e gravações de “Minutos Lumière” se devem, especialmente, aos dois autores mencionados. Foi no livro de Migliorin que me amparei para os estudos técnicos com as crianças, as observações de luz e sombra, perspectiva, cores, linhas e curvas, reflexos e outros itens relevantes. Também as noções de “dentro e fora de quadro” usando molduras devem ser aqui citadas. O CD que acompanha o livro foi de grande valia em meus estudos e vivências com as crianças.

1.2. POR QUE SE PRODUZIR UM REGISTRO?

A luta pela construção da escola durou mais de dez anos, talvez devido ao fato de haver três associações em conflitos de interesses. Essa, situa-se no bairro Olaria, na região do Barreiro, atendendo a vários bairros vizinhos. O bairro é resultado de um loteamento clandestino, recentemente registrado na prefeitura, não possui áreas de lazer, nem posto de saúde, somente o comércio local, uma igreja católica e algumas igrejas evangélicas. Seu nome é devido a uma antiga olaria que nele funcionava. A escola possui este nome em homenagem a um antigo comerciante do Barreiro, pioneiro no desenvolvimento da região. Duas professoras, residentes na comunidade fizeram um abaixo assinado e trouxeram para a direção sua supervisora da outra escola. As pessoas envolvidas em todo o processo encontram-se ainda atuantes na comunidade, contudo eram desconhecidas pelos alunos e pela maioria dos funcionários. Percebemos que havia uma necessidade de se registrar a história para todos que nela convivem.

5 Ver MIGLIORIN, Cezar [et al]. Inventar com a diferença – cinema e direitos humanos. Rio de Janeiro: Editora UFF, 2014.

Trabalho nela desde sua inauguração. Durante vinte e três anos como professora de primeiro e segundo ciclos. Também na educação infantil, artes e coordenação. Hoje atuo na biblioteca, estando em readaptação funcional, onde desenvolvo trabalhos relacionados à literatura e ao meio ambiente (causa em que me engajei desde 1996). Sempre acreditei ser uma função da escola proporcionar experiências múltiplas de beleza e sensibilidade estética, principalmente para aquelas crianças que não vivenciam isto na vida cotidiana. Assistir ao ensaio da Orquestra Sinfônica no Palácio das Artes, visitar exposições, em vários museus, como o de Artes e Ofícios ou Inhotim, convidar autores, assim como transformar a escola numa galeria com dezenas de obras do escultor Leandro Gabriel dentro do Projeto Escultórias em 2009 e 2010, são objetivos que sempre fizeram parte da minha prática educacional. Claro que tudo devidamente apoiado num trabalho pedagógico, visando ampliar o conhecimento de mundo da criança com experimentação e reflexão.

Produzir um registro memorialístico com as crianças poderia inspirar uma sensação de pertencimento, de identidade, de empoderamento provocando uma nova forma de olhar seu próprio território e as pessoas que nele vivem. Enxergar de maneira diferente seu espaço mediado pela lente de uma câmera e da linguagem audiovisual poderia ser uma atividade agradável e frutífera influenciando as novas gerações e proporcionando novas práticas no cotidiano escolar. Assim, a ideia de uma das professoras de fazer um documentário pareceu-me apropriada e bastante interessante. Fazer parte da história da escola desde o início de sua construção sempre foi fator de orgulho para mim, porém a proposta de fazer um documentário coloca questões relevantes a serem discutidas.

Em seu livro ⁶Memória e História, Jacques Le Goff (1994) discute as implicações da memória social e coletiva e nos coloca diante da dificuldade de reconstituí-la. Em primeiro lugar ele a define como:

“A memória, propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ela representa como passadas” (Le Goff. 1994. s.p.)

⁶ Ver LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. Disponível em <http://groups.google.com.br/group/digitalsource> .

Nessa perspectiva, percebemos que recordar, implica em utilizar várias capacidades mentais para reorganizar o pensamento de forma a acessar conhecimentos e impressões que estavam adormecidas. Segundo Le Goff, Freud estudou a memória e nos mostrou o quanto ela é fragmentária e dúbia. Isso nos faz perceber o quanto ela é falível e o quanto somos dependentes de outros para mantê-la significativa. Neste contexto a memória social e coletiva se torna contínua a partir dos momentos lembrados no convívio, das fotos e conversas diárias em um ambiente ou sociedade. Nesse caso, no ambiente escolar, onde várias pessoas trabalham juntas há muitos anos. Daí nossas histórias em comum, reforçadas por fotografias e filmagens. Talvez por isso mesmo tenha havido um envolvimento tão grande dos profissionais e uma enorme disponibilidade em participar dele. Le Goff fala em seu texto sobre a complexa relação entre a memória, a linguagem escrita e atualmente os registros eletrônicos e, como muitas discussões foram implementadas ao longo da história. Ele discorre sobre a interferência ou não dos registros escritos ou eletrônicos na capacidade humana de memorização o que claramente encontra repercussão no fato de não memorizarmos mais nem os números de telefone de nossos familiares. Entretanto, não discutiremos isso nesse texto, embora compreenda que um registro eletrônico como um documentário pode ser tão frágil e finito quanto uma fita VHS, hoje não mais utilizada.

No entanto, o documentário, utilizado como forma de produzir um registro, é tão válido quanto um registro gráfico, pois ambos são perecíveis. Nas palavras de ⁷Mariza Guerra(2014) quando diz que a narrativa é uma forma do indivíduo se manter vivo na memória dos outros, e que é uma tentativa de se eternizar numa constante busca de permanência do ser humano. Especialmente no documentário, esta narrativa “que se pretende convincente, de sensibilidades coletivas em curso poderiam produzir novas representações sobre a existência e sua duração numa “criação artificial de sentido”(Apud - Bourdieu-1996).

Essa reconstrução de sentidos e de memória proporcionada pela experiência cinematográfica na produção do documentário, não só nos aproximou enquanto alunos ou professores, como também nos deu um outro sentido na vivência

7 Ver GUERRA, Mariza, in GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. SANTOS, Raquel Costa. Memória e Cultura: itinerários biográficos, trajetórias e relações geracionais. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

cotidiana escolar.

As crianças me procuram o tempo todo, me mostram vídeos que fazem e me perguntam por outros projetos, inclusive crianças que não participaram desta produção, assim como pais e professores me perguntam pela versão final que ainda não foi exibida.

Guerra diz que o cinematógrafo, assim como a fotografia, foi chamado em seus primórdios de biografia(2014,p.19 in Memória e cultura de Gusmão e Santos) porque muitos acreditavam ele pudesse revelar a alma das pessoas. Narrar em vídeo é usar a tecnologia para falar do mundo, da história e “das individualidades, fazendo um recorte e instaurando um equilíbrio instável e ambíguo entre manifestação e controle, vazamento e retenção” (Guerra - pág.21, idem). Construir um conceito de identidade a partir da história dos trinta anos da escola é tentar reconhecer o que existe de contínuo nos fragmentos ilusórios de unidade histórica para que possamos nos perceber enquanto sujeitos participantes de um mesmo processo. Apesar da necessidade humana de se contar uma história linearmente, sabemos que o fluxo da vida e das ideias não o é, assim tentamos fazer algo que equilibrasse as lembranças dos professores e buscas fotográficas das crianças. Procuramos uma forma que as satisfizesse e que não se deixasse corromper pela monotonia. Escolhemos alternar filmagens das crianças chegando, lanchando, brincando, estudando e em momentos diversos, com fotos e depoimentos de pessoas. Compondo, assim, um “caleidoscópio” do mundo da escola com sua dinâmica própria e diversa.

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIAS DO OLHAR

2.1. “FLICTS” UMA EXPERIÊNCIA SENSORIAL



Foto 2 - Oficina para abertura dos empréstimos 2014

A primeira oficina aconteceu em março dentro da programação da abertura das exposições dos novos livros do acervo da biblioteca, dos autores Ziraldo e Fernando Sabino. Realizada com todas as turmas de primeiro e segundo ciclos, além dos adolescentes das turmas do projeto “Floração”. Somente para a turma da professora que já estudava a história da escola é que houve a introdução à história do cinema. O trabalho, já realizado em outros anos, consiste na contação de histórias do livro “Flicts” do Ziraldo, com uma cenografia toda especial: quatro lâmpadas cobertas com celofane amarelo, quatro com celofane vermelho e quatro com celofane azul.

A mesa com os livros novos estava decorada e o babado cheio de estrelas coloridas. Sobre elas os livros de Ziraldo. Do outro lado da sala, os livros de Fernando Sabino em exposição junto a um trenzinho de caixas com fotos do escritor em cada vagão colorido de diversas cores.

Na biblioteca escura, os alunos entraram ao som do “Bolero” de Ravel. Sentaram-se no chão em frente a parede iluminada pela luz do retroprojektor. Conversamos sobre o escritor e começamos a contação da história com os efeitos especiais em cada página do livro: As luzes coloridas se acendiam de acordo com a ordem em que apareciam na história. Quando disse que na primavera, “...*todas as cores saíram para brincar...*”, eles se encantaram com as luzinhas coloridas de lasers formando flores, estrelas e corações de muitas cores (meus colegas controlavam os efeitos especiais). Desligaram o micro-projetor colorido e ligaram a furadeira com o disco de Newton na ponta, no momento em que “... *as sete cores deram-se as mãos e começaram a girar...girar...girar...*” Finalmente chegou ao ápice quando disse que “*A lua é flicts.*” e mostrei-lhes no livro o autógrafo de Neil Armstrong dizendo que a lua é “*flicts*”. Falei da Apollo 11 e do encontro dele com Ziraldo no Rio de Janeiro. Ainda extasiados, continuaram olhando para a parede iluminada, esperando e, ao som de águas de um CD, eles viram a água projetada na tela através de um pirex que eu coloquei sobre o retroprojektor. Dentro da água espirrava anilina nas cores primárias e óleo em diferentes cantos do pirex. Mais expressões de encantamento ao vê-las se misturando e formando bolhas com o óleo.

Em seguida, ligamos o data-show e assistimos ao filme: **Rainbow war-** EUA “Guerra do Arco-Íris”1986 - Eles torceram pelas cores e exclamaram frases entusiásticas quando, na guerra, elas se misturaram e deram origem a novas cores. No final aplaudiram entusiasmados.

2.2. O GRUPO DE CINEMA

Especificamente com a turma 23B parei a imagem nos créditos e começamos a conversar sobre o filme. Perguntei-lhes o que significavam tantos nomes no final de um filme? Se gostavam de cinema e se conheciam a história dele? Falei sobre seu nascimento e o impacto na sociedade de seu tempo. Mostrei-lhes as imagens dos irmãos Lumière e os primeiros filmes. Conversamos sobre o que era a fotografia e o que seria para aquelas pessoas verem a imagem em movimento pela primeira vez. Conversamos sobre o cinematógrafo, sua confecção e praticidade como filmagem e, também, projeção. Falamos sobre o cinema mudo e o surgimento do som no

cinema. Nossa conversa chegou ao momento do surgimento da cor e conversamos sobre a utilização das cores primárias no cinema. Pedi que eles passassem a observar os filmes que assistem e a presença das cores primárias em cada cena.

Ao final, retornamos ao tema de abertura da exposição dos novos livros do Ziraldo e do Fernando Sabino. (Entreguei-lhes um marcador de livro com foto e frase de F.S.: “Gosto de provocar um sorriso feliz ou uma lágrima de ternura.” - Biblioteca Escolar Fernando Sabino.) Para a professora, a ficha técnica do filme Guerra do Arco-Íris, para que entregasse em sala e percebessem pela primeira vez os primeiros detalhes técnicos de um filme.

Embora tenhamos feito com todos os alunos da turma, achamos inviável trabalhar com todos. Após conversar muito com eles e aplicar um questionário sobre seus interesses em tecnologia e em trabalhar no projeto, selecionamos doze. O grupo que se interessou compôs-se nove meninas e três meninos (6 crianças de 11 anos e 6 de 12). Destes, somente duas crianças declararam passar menos de uma hora por dia na internet (um menino e uma menina). A média de horas utilizando a internet é de 3 horas/dia sendo que três revelaram passar de 5 a nove horas todos os dias, a maior parte do tempo é consumida jogando vídeo-game. A aluna S. disse ficar todo o tempo na internet, todos os dias até a noite (não especificou o horário).

2.3. OFICINAS PARA “EDUCAR O OLHAR”



Foto 3 – Aprendendo a usar os equipamentos

As oficinas aconteceram às terças-feiras após o recreio, na biblioteca. O

ambiente, com janelas grandes e cortinas que fechadas escureciam tudo, era perfeito para desenvolvermos o projeto. Achei melhor e mais intimista que o auditório.

Baseado no livro de Migliorin, busquei imagens cinematográficas na internet em que pudesse trabalhar com as crianças o uso da luz e sombras no cinema, cores primárias em cada cena, reflexos, curvas e linhas, etc. Iniciamos conversando sobre que sentimentos aquelas imagens despertavam e qual a intencionalidade de quem as produziu. As observações das crianças passaram a fazer parte de um mural na biblioteca. Nas oficinas seguintes, trabalhamos com molduras de papel cartão observando enquadramentos e o que fica fora de um quadro quando você escolhe a imagem a ser produzida.

O Minuto Lumière foi produzido pelos alunos em homenagem aos inventores da magia do cinema e gravar movimentos com a câmera parada foi bastante interessante para eles, mais ainda assistir as escolhas filmicas dos colegas. Alguns filmes foram feitos na escola e outros pediram para fazer em casa devido ao tempo. Assistimos a todos e as observações foram interessantes para o trabalho.

O primeiro filme exibido após essas primeiras experiências foi “O balão vermelho” – **Le ballon Rouge- França – 1956**. A primeira experiência foi um desastre. Tentei passá-lo direto da internet, pois não possuía o filme, mas isso é praticamente impossível, pois são apenas dois megas para a escola toda e se o laboratório de informática estiver funcionando ninguém faz mais nada. Assim tivemos que vê-lo em outro dia, já com o filme em mãos para não haver problemas. Adoraram e fizeram observações interessantes sobre as imagens e a história.

O filme seguinte foi **Galinha ao molho pardo - Brasil - 2007** . Trabalhando dentro da Biblioteca Escolar Fernando Sabino, minha graduação sendo Letras, além de minha paixão óbvia pela literatura, era inevitável uma escolha como essa. Os livros são fontes de boas histórias para o cinema e as crônicas de nosso patrono, como bom mineiro, se transformaram em bons roteiros em nossa filmografia. Foi com pesar que percebi que havia deixado passar o lançamento do filme **O menino no espelho – Brasil - 2013**. Por alguma, razão na correria das oficinas e do curso, perdi a grande oportunidade de levá-los durante nossos trabalhos. Pretendo ainda corrigir o erro, afinal eles ainda estão conosco. A literatura é um espaço privilegiado

de criatividade e memória. Ela transcende o ser humano que se perpetua na eternidade através da sensibilidade estética que compartilha com pessoas de variadas culturas e tempos. O cinema encontra nela uma fonte inesgotável para bons filmes que nos propiciam momentos de puro encantamento. Ao trazer o curta “Galinha ao molho pardo”, conversamos, de maneira bastante informal, sobre a crônica de Fernando Sabino que deu origem ao filme. Assistimos e nos divertimos com as peripécias de Fernando, seu protagonista. A busca pela galinha desaparecida nos rendeu boas risadas e momentos inesquecíveis de fruição e observação. Ao final, mostrei-lhes o livro do autor e dei a eles uma cópia da crônica para que pudessem conhecer e se divertir com Fernando, além da ficha técnica do filme.

A marvada carne – Brasil - 1985 – Foi escolhido por ser uma comédia e cometi o equívoco de achar que os alunos ficariam os dois horários comigo. Não sabia que havia sido feita uma troca de horários da Educação Física naquele dia. Eles não se concentraram e só pensavam na próxima aula (amam Educação Física). Tivemos que negociar um novo horário com a professora e apesar disso não consegui fazer fruir o trabalho. Foi uma semana atípica e as crianças estavam um pouco agitadas. A troca de professoras e o período de adaptação com a nova professora estavam complicando um pouco o andamento dos trabalhos. Assistir um filme é se deleitar, é preciso calma, concentração e tranquilidade para se deixar envolver pela história. Ainda nessa semana, terminamos de ver o filme e já estávamos a volta com bilhetes de autorização para os pais e preparativos para uma visita ao Memorial Vale. Como preparação, montei um texto sobre o documentário “Pipiripau, o mundo de Raimundo” que iríamos assistir, num horário especialmente agendado para nós, no museu Memorial Vale.

2.4. PIPIRIPAU- O MUNDO DE RAIMUNDO –

O ônibus atrasou, mas saímos felizes para a visita ao museu, situado na Praça da Liberdade no centro de Belo Horizonte. Muitas das crianças não costumam sair com os pais, como moram na periferia não conhecem muito da própria cidade, elas se deslumbravam com as coisas que viam pelo caminho e eu ia apontando os locais e

descrevendo o nosso roteiro. As crianças se encantaram com o espaço do museu e com uma exposição de câmeras fotográficas antigas. Durante a exibição do documentário, algumas mostraram sinais de cansaço, já que não é o tipo de filme que elas estão acostumadas a ver e a duração é um pouco extensa (50 minutos). Gostaram muito da sala de exibição antiga, do requinte das escadas, das cadeiras e de todo o prédio. Entreguei a eles um poema de Drumond sobre o Pipiripau.

Conversamos sobre documentários e alguns já haviam visto o filme **Ilha das flores - 1989**. Disse que passaria para aqueles que não o conheciam e conversamos sobre o que é e a importância de um documentário. Qual seria a importância de o produzirmos e porque o faríamos.

Outro filme visto foi **Dona Cristina perdeu a memória - Brasil - 2002** escolhido pelo fato de tocar na questão da memória e do esquecimento, além de ser também um filme curto e sensível. Conversamos sobre memória e um deles relatou haver na família um caso parecido com o de Dona Cristina. Gostaram do filme e, principalmente, do pato que marca a passagem do tempo. Relembrei com eles o fato de que nossa primeira secretaria, e ex-diretora, não seria entrevistada justamente pelo fato de ter Alzheimer e não se lembrar mais de nós. A memória reconstruída, mesmo de maneira fragmentada e ficcional, seria a nossa tentativa de registro para as novas gerações através do documentário que pretendíamos fazer.

CAPÍTULO 3

3.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM A FILMADORA

Em nossa primeira experiência com a filmadora (uma JVC antiga, que grava em VHS), contamos com a colaboração da mecanógrafa de nossa escola que trabalhava conosco há 10 anos e sempre filmava nossos eventos. Ela foi extremamente didática com as crianças, ensinando desde como ligar a câmera até o “zoom”, o foco, a utilização do tripé, etc. Orientou a mim e a cada um deles em sua experiência primária filmando os colegas. Após esses primeiros experimentos, fizemos uma pequena entrevista gravada como teste. O aluno V. me entrevistou, enquanto J. com outra câmera(digital) tentava fazer um *Making off* (não gravou partes do trabalho). Só descobrimos depois. Enquanto ela nos mostrava como utilizar o tripé, que nos emprestaria para as filmagens, várias pessoas que entravam na biblioteca vinham ver o que se passava. Após a gravação assistimos aos vídeos gravados e rimos de nós mesmos, dos erros e de todo nervosismo de principiantes na arte cinematográfica.

3.2 CONSTRUINDO UM PROJETO

Os alunos chegaram e orientei-os a observarem pelas mesas cartazes com fotos de cada ano de funcionamento da escola a partir de 1985, primeiro ano de funcionamento da escola. Encantaram-se com as fotos antigas, principalmente quando encontravam fotos de parentes. Foram momentos divertidos de encontros com a história de sua própria escola e de seus pais, tios e primos que dela participaram. Momentos em que o aprender e o ensinar se encontraram de forma linearizada entre as crianças e eu num bate-papo como mediadora daqueles momentos fotografados e o presente que estamos construindo. Em seguida a este primeiro momento de reconhecimento de fatos marcantes da nossa história, sentamos em círculo e começamos a falar de algumas fotos que eu já havia selecionado. Mostrei-lhes a foto da primeira diretora. Expliquei-lhes que houve um abaixo assinado de duas professoras que moram no bairro, das quais ela era

supervisora em outra escola, para trazê-la como diretora da escola em construção. Apresentei a foto de nossa primeira secretária e posteriormente, também ela diretora da escola. Sucessivamente lhes apresentava fatos marcantes de nossa história quando encontramos a foto de alunos plantando árvores. Então, uma criança manifestou o desejo de também fazê-lo numa área do nosso bairro. No mesmo dia conversei com Elvira do departamento de meio ambiente da prefeitura e ela se dispôs a conseguir-nos mudas para o fazermos. Como eu trabalho com meio ambiente, fiquei feliz com o interesse do aluno. Só esse fato já conta para mim como um resultado positivo detonado por esta intervenção.

As filmagens feitas com VHS estavam ficando complicadas para transferir. Minha inabilidade com a tecnologia era inegável. Fizemos uma filmagem com a câmera da escola que saiu em um formato que ninguém conseguiu copiar e só abria na própria câmera. O diretor me disse que a verba da escola ainda não havia sido depositada ficando difícil comprar uma filmadora digital especialmente para esse fim e eu não conseguia resolver como captar o áudio. Achava complicado captá-lo separadamente e imaginava não conseguir me organizar com este tipo de equipamento. O tempo estava correndo. Comprei um celular, um notebook e um adaptador de celular para o tripé e começamos a filmar.

Em reunião com os pais, combinamos que em alguns dias pré-determinados ficaríamos na escola também no horário da tarde para fazermos imagens dos pequenos do primeiro ciclo. As crianças levaram bilhete por duas vezes avisando que faríamos as filmagens e que elas almoçariam na escola. Filmamos o refeitório e o almoço da Escola Integrada, entrada e saída de alunos, recreio e até um momento interativo na quadra com apresentação de peça teatral pelos professores e danças pelos alunos. Eles se responsabilizavam pelo equipamento e sempre discutimos onde e quando fazer as imagens e os melhores ângulos. Me comprometi, tanto com os pais quanto com a escola, que ficaria junto delas o tempo todo, quando fora do horário regular de suas aulas, inclusive durante o almoço no refeitório. Após o almoço do primeiro dia fizemos uma reunião para definirmos concretamente as perguntas que seriam feitas aos convidados que viriam na outra semana para as entrevistas. Expliquei-lhes que pedi à direção para contratar oficinairos para todas as turmas e que após o recreio seria servido um café aos convidados que viessem para

ser entrevistados na outra semana. Tive anuência de meus pares, tanto com relação as oficinas quanto com relação ao fato de que eles seriam os anfitriões para os aposentados convidados do que chamei de “café passado presente”. Como as primeiras gravações de entrevistas com as pessoas da escola haviam ficado com muito ruído, decidimos usar o auditório, que possui uma acústica melhor. Durante essa reunião eu as dividi em grupos para que pensassem nas perguntas que gostariam de fazer aos entrevistados e depois voltamos a nos reunir para discutir melhor as questões.

Ao gravarmos a entrada dos menores as crianças sugeriram filmar pelo buraco dos tijolos da escada uma em outro ponto por um buraco de escoação de água e o restante comigo no tripé no andar superior. Quando fomos gravar a sala de aula das crianças de seis anos levei uma criança menor. Os meninos ficaram curiosos com a câmera, mas depois que a professora nos apresentou e eu disse que elas representariam a si mesmas no filme, gostaram da ideia e se comportaram como numa aula normal. A professora as colocou numa rodinha e falou sobre a escolha dos nomes dos novos filhotes de gorilas do Zoológico de Belo Horizonte. Gravamos por algum tempo e voltamos a biblioteca (Foi uma das partes que ficou mais linda no filme pois os gestos espontâneos ficaram muito bem articulados com a música, tornando esse momento encantador). Ao voltarmos à biblioteca ocorreu um fato desagradável aconteceu. A mãe da aluna S. chegou visivelmente cansada e nervosa dizendo que a garota (embora tivesse lhe entregado o bilhete) não havia avisado que ficaria para o turno da tarde (provavelmente assinou o bilhete sem ler) e teria trazido a chave consigo. Ela precisou pegar um ônibus e ir a escola no seu horário de almoço e uniformizada para pegar a chave e almoçar. Mandei S. de volta com a mãe para que resolvessem a situação entre si. Preocupou-me ver o estado da mãe e a cara de desdém da filha. Iria conversar com ela, posteriormente, a esse respeito, porém na correria do final do ano não consegui fazê-lo. Ela é um pouco arredia. Faz gestos e olhares de quem não se importa muito com o que esta acontecendo e é ela a criança que fica no computador dia e noite. É tímida, mas adora filmar e no dia que gravamos a aula de ciências do terceiro ciclo percebi bastante interesse, embora se escondesse atrás da câmera.

3.3 CAFÉ PASSADO PRESENTE



Foto 4 – café passado presente

No dia do café duas Crianças, na porta da sala dos professores, recepcionavam os convidados com um bombom (e um cartão escrito: “Obrigado por fazer parte da nossa história”), além de uma prancheta com caneta e o documento de autorização de uso da imagem. Eu os apresentava a meus colegas e, na sala havia colocado em um carrinho todas as fotos da escola (duas crianças em lados opostos da sala filmavam o encontro). Após a chegada de vários convidados, deixei-os com meus pares e fui com as outras crianças para o auditório. Nós havíamos montado um cenário com fundo azul de TNT, as iniciais da escola, as bandeiras de Minas, do Brasil e de Belo Horizonte, duas cadeiras e um vaso de flores amarelas. O tripé já estava montado e vasos de flores enfeitavam a beirada do palco. Combinamos que eles entregariam uma flor a cada um, após a entrevista. Eu dizia o nome do convidado e elas buscavam-no na sala dos professores, dois os recepcionavam na porta do auditório e os escoltavam até o palco onde os recebíamos. A primeira entrevistada foi a primeira diretora da escola e as crianças deram as mãos para que ela subisse a escada (Já as havia preparado para as entrevistas com pessoas idosas, sobre gentileza e atenção com todos). Ficamos admirados com a postura e desenvoltura dela na entrevista. Falou com tranquilidade como se fizesse aquilo

todos os dias. Foi clara e objetiva e nos agradeceu muito por termos nos lembrado dela. T. que havia sido maquiada por K., a entrevistou. Quando olhei para T. ela estava com um batom vermelhíssimo (eu as havia orientado com relação a maquiagem, mas não adiantou). Deixei a entrevista correr. Após a ex-diretora Adeir Lopes, foi a vez de Lúcia de Lima ex-professora e uma das que fizeram o abaixo-assinado para trazer a diretora. As crianças se revezavam na câmera. Depois de algum tempo percebi que havia um ventilador ligado e que estava gerando ruído para as gravações.

Quando veio o estagiário e ex-aluno, a garota que fazia as entrevistas ficou encabulada e não conseguia gravar. Depois de várias tentativas conseguimos uma gravação. Ele falou sobre como era interessante voltar ao lugar onde estudou e como tudo era diferente agora, mesmo sendo a mesma escola. Disse que fazia biologia na UFMG e trabalhava no Museu de História Natural da entidade no Horto. Entrevistaram também o professor de geografia e ex-aluno e o questionaram sobre o porquê de voltar à escola, agora como professor. Ele disse que tinha saudades de sua época de aluno em nossa escola, além do fato de morar no mesmo bairro. Quando veio a professora que deu aula para eles no ano anterior foi uma correria e eles quase a arrastavam, disputaram quem iria filmá-la e, novamente, disputa para entregar a flor. O café fora um sucesso. Saíram felizes depois das filmagens. Riam e comentavam todos os momentos daquela manhã.

Na mesma semana entrevistamos o ex-presidente de uma das associações de moradores. Foi o primeiro e, mais persistente, a lutar pela construção da escola durante muitos anos. G. o entrevistou e L. filmou. Estava muito ansioso, mas à medida que foi conversando conosco, ficou mais à vontade. Contou sobre a luta desde 1976 até a construção e inauguração em 1984. Contou-nos que o primeiro abaixo-assinado foi perdido na prefeitura e tiveram que mobilizar a comunidade para provar que havia demanda de alunos em idade escolar. Trouxe a ata de reuniões da associação, uma cópia do Diário Oficial do Município com a publicação da desapropriação do terreno para a construção da escola. Fotografamos as páginas da ata relacionadas à escola.

Estava visivelmente emocionado e as crianças conversaram muito com ele. Conversou com as crianças, deu conselhos. No disse o quanto se sentia honrado

por estar conosco. Os documentos que guardou sempre com carinho contavam-nos histórias de outros tempos. As crianças disseram ter gostado muito dessa entrevista, aliás, de todas elas. O processo de fazer cinema os empolgava muito.



Foto 5 – Entrevista com o senhor Geraldo Ferreira Gomes

3.4 FILMANDO A SALA DA EQUIPE DE CINEMA



Foto 6 – Sala das crianças da equipe de cinema na escola

Chegamos antes das sete horas e montamos o equipamento na sala da turma 23B. Quando começaram a chegar as outras crianças nós dispusemos as que não tinham autorização de uso da imagem, à direita, e eu pedi as outras que entrassem novamente para filmarmos a chegada. Filmamos um pouco da aula e fizemos uma pequena entrevista com a professora Marly enquanto as crianças faziam as atividades. Optei por não fazer “*making off*” dentro da sala para não tumultuar muito. O que foi uma tolice, afinal de contas não era uma aula normal. Era a turma que estava no projeto e quem fez as imagens fui eu, deixando que eles atuassem como atores em sua própria sala. G. o mais desinibido fez perguntas e conversou como se eu não estivesse gravando, ou seja, como um verdadeiro ator. Ele é sempre foi o mais entusiasmado em todos os aspectos do projeto.

3.5 BRINCANDO DE FILMAR



Foto 7 – Filmando com a VHS

Fazer cinema foi bastante lúdico e envolvente, nos divertimos, rimos, erramos mais do que acertamos. As crianças aprendiam com muito mais facilidade que eu a utilizar o equipamento. Houve uma horizontalização das relações e durante todo o processo éramos aprendizes, o erro e o acerto nos aproximavam enquanto sujeitos desejosos de algo que nos inspirava a fazer o melhor.

Entretanto foi um pouco complicado lidar com os entrevistados que não puderam comparecer no dia do café, mesmo assim conseguimos articular alguns momentos com determinadas crianças e outros com outras de acordo com as possibilidades. Em um destes momentos com visitantes entrevistados tivemos que contar com a ajuda de uma das entrevistadas para ficar do lado de fora da biblioteca (onde havíamos voltado a filmar, pois as imagens do auditório ficaram muito sem graça). Ela ajudou a olhar a porta para impedir que a abrissem, pois os membros da equipe, que haviam sido encarregados disso e orientados a gesticular apenas pedindo silêncio a quem chegasse, estavam do lado de fora brincando batendo palmas e gritando. Eu os dispensei e eles foram de volta para a sala. Duas professoras que foram entrevistadas, sendo uma delas cantora, gravaram um momento musical junto

a ex-alunos com o violão. Porém estas gravações não ficaram boas por terem sido improvisadas (não houve ensaio suficiente para um improviso com várias crianças) e não foram colocadas no filme. Mas, tanto para os ex-alunos quanto para as ex-professoras e, também nós da equipe, foi uma experiência deliciosa.

Após a gravação, uma das alunas se sentiu mal, estava ansiosa porque iria ajudar a gravar uma aula do terceiro ciclo e ela já é uma mocinha (os adolescentes do terceiro ciclo a intimidam) trocamos a *câmera-girl*, S. se apresentou. Ao gravamos a aula nas turmas de terceiro ciclo houve interrupções à porta e eu aproveitei a pausa para pedir que fizessem mais silêncio atrás da câmera, pois o microfone era invertido por ser de celular. Começamos novamente e o professor travou, rimos e ele disse que não estava acostumado a dar aula com tanto silêncio. Ao descermos para o local onde seriam feitas as experiências de reações químicas e misturas, separei os alunos que tinham a autorização de uso da imagem e os posicionei em frente a câmera. Ele fez várias experiências e os alunos vibraram com a do Mentos na Coca-Cola.

3.6 – A EXPERIÊNCIA LÚDICA DO CINEMA NA ESCOLA



Foto 8 – Entrevistando a professora Rosemary do Carmo

As entrevistas com os professores da própria escola eram sempre mais engraçadas e informais. Eles se intimidavam um pouco com a câmera, mas sempre

ríamos muito nessas experiências. Elas nos tornavam parceiros de uma aventura. A vice-diretora ficara gelada durante a gravação e disse que estava apavorada. Ela estava completamente gelada. Disse a ela que sua entrevistada também estava e as duas conversaram e riram como duas crianças. Na entrevista com o diretor K. estava apavorada e eu disse que se acalmasse pois ele era um professor como eu e talvez no outro ano seria seu professor de matemática. Acho que a deixei mais assustada ainda. Ela é pequena e vê o diretor como uma autoridade absoluta. Ele riu conversou com ela, gravou e regravou, depois apagou as que não ficaram boas e ao final ela já estava mais a vontade com seu entrevistado. Para algumas pessoas eu exibia o vídeo das outras e conversava um pouco antes para desinibi-las.

Havia um vídeo das cantineiras cantando para uma professora que se aposentara e pedimos a elas que fizessem o mesmo parabenizando a escola. Elas concordaram e cantaram um pequeno refrão. Nós as filmamos pela janela que nos atendem. Somente uma estava mais inibida. Tentamos organizar algo com auxiliares da limpeza, mas estas estavam mais arredias. Fiz malabarismos para tentar não prejudicar a aula das crianças e não atrapalhar os professores em sua rotina. Mas, este é um momento especial na história da escola e fazer este projeto foi importante para todos. Tive muita colaboração. Pedia a professora, em momentos especiais quando um convidado não podia vir em outro horário, que me emprestasse alguém que estivesse em dia com as atividades e que se preocupasse em copiar o que perdeu.

3.7- DESAFIOS

De todas as crianças G. é a que se interessa mais por tecnologia. Vive de olho no visor do seu celular. Durante todo o projeto fazia pequenas filmagens que me mostrava sempre. Conversava muito, pedia opiniões, ajudava com o computador e gostava de mexer em todo o equipamento. Tudo o fascinava, a curiosidade por tecnologia, como para a maioria de sua geração, é imensa. Aparenta ser um pouco ansioso, sempre apressado, cobrando: _ Quando vamos filmar? _ Vamos aprender edição? _ Deixa eu gravar agora? Diz que vai morar em Portugal e que vai criar um canal no Youtube.

Logo nas primeiras gravações a professora se reuniu com a mãe e avisou-a de que o filho não estava fazendo nada em sala. O caderno estava em branco e ele só conversava. Ela havia assumido a turma e percebia que o rendimento dele era baixo e estava preocupada. A mãe disse que ele estava insistindo com ela na compra de um novo celular. A professora explicou-lhe que na reunião, em que ela não estava presente, eu havia falado que gravaríamos com equipamento da escola. Disse-lhe que eu havia alertado aos pais para que não cedessem aos apelos consumistas dos filhos. Fato que todos nós devemos ter bem claro em nossa mente ao trabalharmos nessa área. Discutir a questão do consumo consciente e responsável é essencial em todos os momentos. A criatividade pode aflorar na simplicidade sem ceder ao consumismo. A conversa entre as duas levou-as a suspendê-lo da oficina de cinema. Quando fui notificada não havia mais nada a fazer. Ponderei com a professora e ela me disse haver uma chance dele retornar se começasse a fazer as atividades. Os outros pediam que eu interviesse e eu lhes disse que tinha de respeitar a decisão das duas. Ele percebeu que a decisão era dele e começou a fazer as atividades. Em pouco tempo estava de volta conosco todo sorridente e feliz. Creio que projetos diferenciados possam motivar crianças e envolvê-las de alguma forma para a aprendizagem. O interesse por tecnologia foi o que o levou a mudar de atitude. Acredito que poderemos atingir mais crianças usando estrategicamente a tecnologia como uma ferramenta de trabalho pedagógico não só como uma troca, mas como fator real de mudança. Encontrar o que move cada um é um desafio imenso, mas possível e desejável.

A aluna C. é uma garota tímida e sorridente, adora mexer no meu celular que é igual ao da mãe dela. Ela o reconfigurou para mim, já que não sei usá-lo e o comprei especialmente para filmar com as crianças. Disse que estava com muitos aplicativos que eu não usava e por isso estava muito lento. Gostava de ficar somente atrás das câmeras. Nos momentos descontraídos, dos intervalos entre as gravações, ela brincava diante delas enquanto os colegas a filmavam, mas em geral evitava se expor. A mãe me ligou na noite anterior a primeira filmagem extra-turno (havia passado meu número para os pais caso precisassem entrar em contato comigo). Ela me avisou que a filha é diabética, mas não gosta que os outros saibam. Pediu-me que perguntasse separadamente se ela já havia aferido a glicose e tomado a

insulina antes do almoço na escola. Assim procedi e em pouco tempo bastava olhar para ela e com um gesto acompanhado de um sorriso ela me respondia que sim. A cumplicidade estava estabelecida entre nós, incluindo uma de suas colegas que a acompanhava sempre. A cumplicidade é fundamental no processo de ensino aprendizagem e um fator determinante para o sucesso do mesmo. A sala de aula é um núcleo de convivência onde é necessário que se estabeleça um pacto professor/aluno para que ambos saiam enriquecidos desta experiência diária de construção de saberes. Sabemos o quanto professores e alunos se aproximam convivendo durante todo um ano letivo, mas tentar chegar aos mais arredios é um grande desafio. Quem sabe isso não poderia ser tentado usando estrategicamente a tecnologia. Até os tímidos se desinibem atrás de uma câmera.

3.8- FILMAGEM DOS CRÉDITOS FINAIS

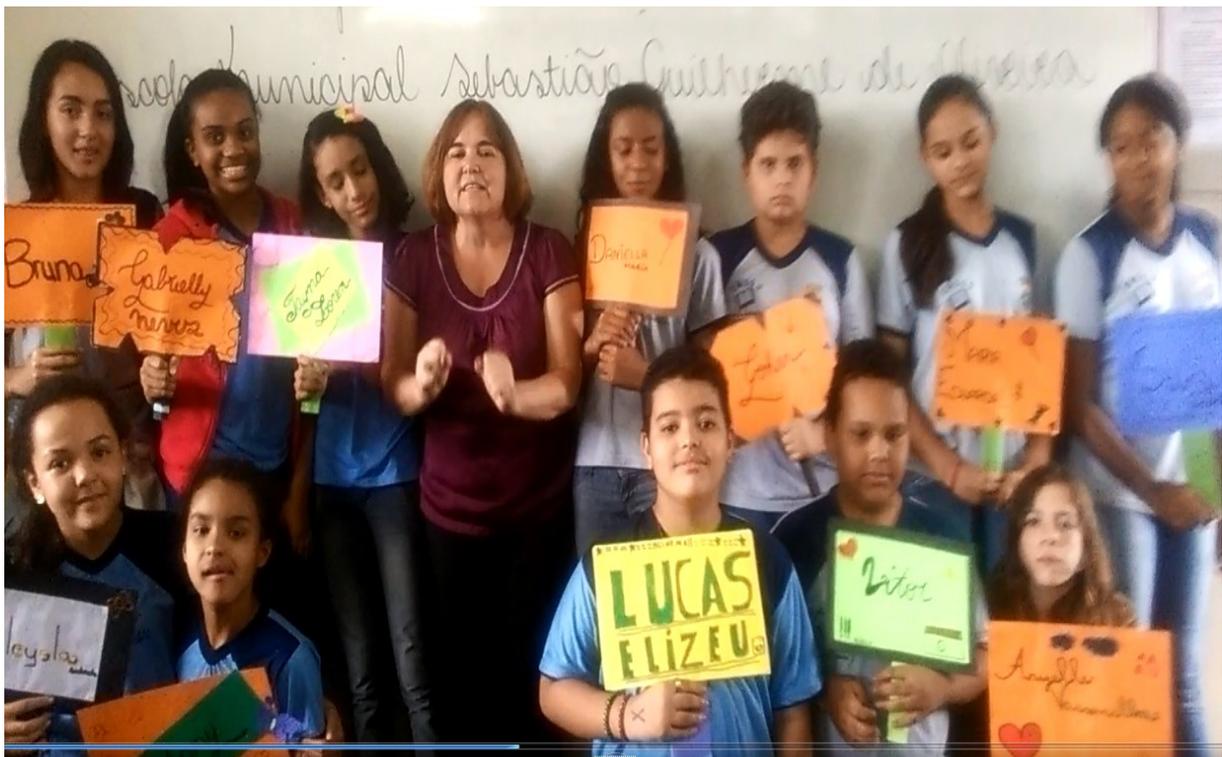


Foto 9 - Créditos

As crianças fizeram as plaquinhas com seus nomes da maneira que quiseram durante uma oficina na biblioteca. Decidimos, com a professora, gravarmos os

créditos na sala de aula. No dia e horário combinado chegamos para gravar e as crianças afastaram as mesas um pouco. O restante da turma ficou sentado. Combinamos que todos gritariam junto conosco “Parabéns Sebastião Guilherme”. As crianças montaram o tripé e prepararam a câmera no meio da sala, enquanto a professora Marly escrevia no quadro o nome da escola em letra cursiva. Nós nos colocamos embaixo dos nomes escritos no quadro e fizemos a gravação. No final entregamos à todas as crianças da sala um bombom com o mesmo cartão e foto da escola que havia dado aos convidados e professores.

Na avaliação das crianças o projeto as tornou mais atentas aos detalhes de um filme, tanto as questões de cores, planos e enquadramentos, como reflexos, linhas e curvas. Disseram-me não assistirem mais da mesma forma um filme, seja ele de que formato for. Alguns relataram a importância de conhecer melhor a história da escola e das pessoas que aqui trabalharam e trabalham até hoje. Outros destacaram como foi interessante aprender a lidar com os equipamentos e participar de um projeto tão intenso dentro da escola em contato com os entrevistados e das divertidas reações de nervosismo de ambos os lados. Meu processo de aprendizagem embora perpassasse também todas as observações dos alunos, se estende a tecnologia da qual sempre fui completamente avessa e com a qual tive que me envolver obrigatoriamente, me entusiasmando completamente contagiada pela alegria das crianças. Sem dúvida, minha vida em relação a tecnologia foi amplificada e diminuiu o estigma e resistência em utilizá-la.

3.9- A AVENTURA DA EDIÇÃO

Devido a essa grande dificuldade que tenho com tecnologia havia tentado conseguir um curso de edição de vídeo para as crianças, mas não consegui. O tempo se esgotava e faltando poucas semanas para o dia da festa ainda não tínhamos conseguido alguém para editá-lo. Embora houvesse participado do CineOp e da Mostra BH e feito um curso rápido de edição não poderia me arriscar com tempo tão exíguo. Procuramos alguém para editar. Foi tudo bastante corrido, alguns contatos não deram certo. Uma das opções me mandou orçamento e depois enviou e-mail dizendo que não poderia pegar pois já estava muito atarefado com as festas

de fim de ano. O segundo nem me mandou orçamento disse que iria viajar e não poderia aceitar o trabalho. Encontramos alguém afinal, cujo preço era o mais acessível e disposto a fazê-la, entretanto o nervosismo me atrapalhava perdi arquivos, restaurei lixeira do notebook, me desesperei, mas no fim tudo deu certo. Assim no dia 13/12/2014, sábado, foi exibido o filme na quadra da escola durante a comemoração dos trinta anos da escola. Antes, porém, pedi desculpas a todos que foram filmados e não apareceriam no filme. Disse que nos perdoassem pois somos amadores e muitos de nossos arquivos não puderam ser usados. De qualquer forma fizemos o melhor que podíamos e, posteriormente faremos uma edição mais completa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de um registro da instituição em si mesmo já nos mobilizaria por sua importância junto à comunidade escolar, quando acrescidos de fatos históricos ligados a mesma, cria ainda um significado maior. Dar a conhecer aos alunos um pedacinho desta história pode ser um motivador de atitudes de respeito, de reflexão quanto ao seu papel na sociedade, assim como aumentar a autoestima por se sentir parte de um todo. O mesmo pode ser refletido com relação aos docentes, até mesmo pelo fato de que alguns se envolveram muito mais por se sentirem parte desta história há mais tempo. Entretanto a produção envolveu todo o ambiente e por mais que alguns evitassem se expor, creio que o filme não deixou de desestabilizar e provocar reflexões.

As crianças da escola ficaram alvoroçadas durante todo o processo e a curiosidade extremamente aguçada. Todos queriam participar do projeto e questionavam sobre possíveis oficinas. A semente foi plantada. As crianças do equipe ainda esperam a oficina de edição e eu pretendo fazê-la, além de outros projetos para dar continuidade e proporcionar este tipo de experiência a outras crianças.

O computador é algo meio avesso a minha geração, e mesmo tentando um pouco, parece-me uma incógnita e escuto muito isso em todos os ambientes frequentados por professores. Acredito ser a realidade de grande parte dos professores do país, de uma geração anterior a internet. Fomos criados para valorizar a introspecção, a concentração na leitura e nos estudos.

Vejamos na prática: a primeira tentativa de passar o filme foi um desastre. Pois a internet tem pouca capacidade nas escolas e eu, na minha completa ignorância das impossibilidades, acreditava que passaria facilmente o filme desejado. A utilização das câmeras se revelou outro desastre. Uma hora achávamos que estávamos filmando e o modo não era compatível, outra filmamos com a VHS e a nossa “consultora oficial” havia se transferido para outra escola e nós não sabíamos fazer a conversão. Estes e muitos outros foram problemas que tivemos de enfrentar e encontrar soluções alternativas. A captação de áudio, a edição e tudo que não

conseguimos fazer, foi contornado de alguma forma. Os desafios foram constantes e, em alguns momentos, intransponíveis,

Houve uma greve de um mês e as férias foram obrigatórias devido aos jogos da copa do mundo em Belo Horizonte (acredito que para desafogar o trânsito). A professora da turma que havia feito um curso de documentário e o havia proposto havia se aposentado subitamente devido a problemas familiares. A medida que as oficinas foram se intensificando, percebi que não conseguiria seguir o roteiro idealizado por ela. Ao iniciarmos as filmagens, no final de setembro e sem verbas, o documentário já possuía um formato completamente diferente. Problemas de deslocamento com alunos e o prazo curto para finalização fizeram-me optar pelo formato clássico de entrevistas filmadas com pequenos planos da escola. Isto empobreceu um pouco a experiência, mas nos permitiu finalizarmos a tempo para a exibição no aniversário da escola em dezembro.

As crianças vivenciaram intensamente esta experiência e se deleitaram com o processo. As horas deliciosas de risos e brincadeiras, que passei junto às crianças e todos os convidados e envolvidos no projeto, fizeram-me acreditar que é possível trabalhar e criar com aquilo que temos. Como dizia Guimarães rosa “o que a vida quer da gente é coragem.”

Pessoalmente, me sinto gratificada por ter conseguido empreender algo que achava estar tão além das minhas possibilidades que me enriqueceu tanto como pessoa e como profissional. Acredito que podemos envolver as crianças com os conteúdos através das novas tecnologias e do cinema, portanto, pretendo desenvolver projetos que envolvam o fazer cinematográfico, literatura e meio ambiente. Nos momentos de desafio a busca por soluções nos aproximaram ainda mais alunos e professores. Cresci enquanto profissional e como pessoa e hoje acredito que nenhum desafio é impossível quando se busca a coragem para enfrentá-los. E para finalizar, agora tenho uma ótima recordação dos meus trinta anos de trabalho, pois afinal de contas, eu faço parte desta história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO HORIZONTE, Prefeitura de. Desafios da Formação: Proposições Curriculares – Ensino Fundamental- Artes. Belo Horizonte, 2010.

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica - dentro e fora da escola – Coleção Alteridade e criação. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2013.

GUERRA, Mariza, in **GUSMÃO**, Milene de Cássia Silveira.Santos, Raquel Costa Memória e cultura: itinerários biográficos, trajetórias e relações geracionais. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2014

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. Disponível em : <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

MAMEDE, Maria Aparecida Campos e **DUARTE**, Rosália, O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. Educação e Sociedade, Campinas, vol.29, n.104 – Especial,p. 769-789, out.2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0729104>.

MIGLIORIN, Cezar, [et al]. Inventar com a diferença- cinema e direitos humanos. Rio de Janeiro Editora UFF, 2014.

RAMOS, Ana Lúcia Azevedo. **TEIXEIRA**,Inês Assunção de Castro. Os professores e o cinema na companhia de Bergala. Revista Contemporânea de Educação, vol. 5, nº 10, julho/dezembro, 2010.

TEIXEIRA, Inês de Castro Assunção, **LOPES**, José de Sousa Miguel. A escola vai ao cinema. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2014.

FILMOGRAFIA

A marvada carne – Brasil - 1985 – Direção: André Klotzel – comédia - cor -78 minutos.

Criança, a alma do negócio – Brasil - 2008 – Direção: Estela Renner documentário – cor - 49 min.

Dona Cristina perdeu a memória - Brasil - 2002 – Direção Ana Luiza Azevedo – ficção – cor - 13 minutos.

Ilha das flores – Brasil - 1989 - Direção Jorge Furtado – documentário – cor - 13 minutos.

Galinha ao molho pardo - Brasil - 2007 – Direção: Feli Coelho – ficção – cor – 8 minutos.

Le ballon Rouge- França – 1956 – Direção: Albert Lamorisse – ficção – cor – 34 minutos.

O menino no espelho – Brasil - 2013 – Direção: Guilherme Fiúza - Ficção cor – 74 minutos.

Pipiripau- O Mundo de Raimundo – Brasil – 2014 – Direção: Aluízio Salles Júnior – documentário – cor – 50 minutos

Rainbow war- “Guerra do Arco-Íris” – EUA - 1986 – (Não consta direção) –ficção – 20 minutos.

SITES

AFIN- ASSOCIAÇÃO FILOSOFIA ITINERANTE. Breves Cenas a História do Cinema – um plano para crianças. Disponível em <http://afinsophia.wordpress.com> acesso em 03/08/2014.

cameracotidiana.com.br/.../cenas-historicas-de-cinema-para-criancas-pdf. (Apostila distribuída as crianças). Acesso em 03/08/2014.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. Disponível em: www.nextimagem.com.br- Último acesso em 21/04/2015.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. Disponível em : <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>. Acesso em 03/08/2014.

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9355/5545>. Acesso em 10/08/2014

TV Escola / Salto para o futuro. Debate: cinema,documentário e educação. Ano XVIII, boletim 11 – junho de 2008. MEC, SECAD. Disponível em www.tvbrasil.org/salto. Acesso em 14/08/2014.

SCHUARTZMAM, SHEILA. Humberto Mauro e a constituição da memória do cinema brasileiro. Disponível em: www.mnemocine.com.br – Último acesso 21/04/2015

VERONESE CICCIO BERMEGUY, Rafael. Como criar um bom documentário. Disponível em:<http://pt.wikihow.com/Criar-um-Bom-Documentario>. Acesso em 14/08/2014.

Anexos



Diversão entre as gravações, alegria e cumplicidade



Gravação com Cristiano Gontijo - na biblioteca



Entrevista com Lúcia Lima



Elizanja nos ensinando a usar a câmera VHS



Visita ao Museu Memorial Vale para assistir ao documentário Pipiripau



Os profissionais da escola na confraternização



Entrevista com o Sargento Mauro Lúcio do (PROERD) Polícia Militar de Minas Gerais



Gravação de alunos do terceiro ciclo cantando com as ex- professoras Maria das Graças (aposentada) e Lucinéia Toledo